

reportagem cultural

Uma soma de vivências

João Vicente Ribas, especial para o JC *

Clarissa Figueiró Ferreira nasceu no hospital militar de Bagé, em 29 de abril de 1987. Filha do funcionário público municipal Armandino Lima Ferreira e da professora de música Marta Marília Gonçalves Figueiró Ferreira, tem um irmão, Márcio.

Aos sete anos começou a vida artística, no Instituto Municipal de Belas Artes (Imba), onde fez 10 anos de balé clássico. A partir desse contato, começou a estudar violino, integrou orquestra e foi fazer faculdade em Pelotas.

Concluiu graduação em Música pela UFPel em 2011. A seguir, fez mestrado em Etnomusicologia na Ufrgs, apresentando a dissertação *Campeirismo musical e os festivais de música nativista do sul do Brasil: a (pós)modernida-*

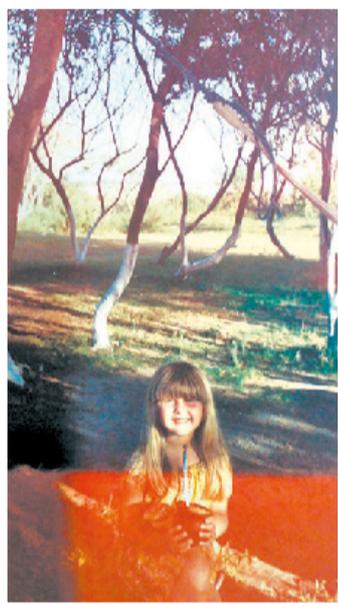
de (re)construindo o "gaúcho de verdade" (2014). No doutorado, na Unirio, defendeu a tese *"Toca um jazz no galpão": a construção de identidades musicais e profissionais na cena musical independente do Rio Grande do Sul* (2018).

Foi professora substituta na Ufrgs e atualmente é na UFPel. Ao mesmo tempo, cursa graduação em História e está escrevendo sobre uma perspectiva decolonial sulina.

De acordo com o amigo Zelito Ramos, compositor de canções interpretadas por nomes como Shana Müller e Daniel Drexler, "a obra da Dra. Clarissa Ferreira é a soma de suas vivências, como pesquisadora inquieta e questionadora, e como musicista no Movimento Tradicionalista Gaúcho e nos festivais nativistas". Zelito acredita que suas abordagens são

bem fundamentadas e acabam por colocar em xeque temas considerados tabus da nossa cultura. "O resultado é um trabalho artístico-pedagógico potente, capaz de impactar no comportamento da sua geração e contribuir positivamente na formação identitária das futuras gerações."

ARQUIVO PESSOAL CLARISSA FERREIRA/REPRODUÇÃO/JC



Clarissa Ferreira começou a vida artística na infância; em seu trabalho, pesquisadora e artista andam lado a lado

Música ecofeminista gaúcha e brasileira

O multipalco do Teatro São Pedro em Porto Alegre recebeu nos dias 4 e 5 de abril o lançamento do disco *LaVaca*, de Clarissa Ferreira. Quando o show ia começar a circular pelo Estado, vieram as chuvas e enchentes. Agora, a artista está engajada no coletivo RS Música Urgente, que visa propor soluções para a cadeia produtiva.

Lucas Ramos, que produziu *LaVaca* ao lado de Fabricio Gambogi, demonstra perplexidade diante do fato de um disco fortemente ligado à defesa do meio ambiente ter saí-

do um mês antes de acontecer toda a catástrofe. "Que seja para trazer luz, para discutir e falar com mais propriedade", deseja.

Lucas é médico, baterista e namorado de Clarissa há oito anos. "Vim bastante junto dela, desde os singles, muitos produzidos aqui no nosso estúdio, que a gente construiu juntos", relata. Sua participação também alcança as composições: "a minha parceria, na verdade, é uma ideia ou outra, que eu dou no café da manhã". Lucas comenta a generosidade de Clarissa, ao trazer muitas pessoas

para o trabalho e para a convivência. "Eu brinco que ela é um grande *hub* do gauchismo moderno, dessa ideia da quebra de preconceitos e a questão do cuidado com o meio ambiente", afirma.

Integrante da equipe artística do espetáculo, a bailarina Emily Borghetti comenta que trabalhar com a Clarissa é uma aula de criar, prospectar e viabilizar. "Aprendo muito com essa força realizadora que ela tem, que se desdobra em livro, zine, projeção de vídeo, blog, conteúdo pra rede social, poesia, performance", atesta.



Clarissa Ferreira em um dos shows de lançamento do álbum *LaVaca*

Sonoridades da cena feminina

A pianista, cancionista, pesquisadora e professora da Ufrgs, Isabel Nogueira, também estima a atuação de Clarissa na articulação das redes. "Porque não é fácil se colocar, lançar um disco", diz. *LaVaca* levou quatro anos de produção, incluindo composição, financiamento coletivo, gravação e lançamento. Isabel acompanhou o processo e uma criação coletiva que envolveu as duas em 2022 acabou sendo incluída. A canção *Chinaredo de Alpargata* partiu da provocação de Isabel durante o festival Peitaco, de trazer e se apropriar de palavras "menos bonitas de estar numa canção". Esse tipo de provocação para a composição já era recorrente quando Isabel Nogueira foi professora de Clarissa na graduação. "Mulheres não precisam ter apenas um rótulo", acredita.

A propósito, percebe uma cena feminina pulsante hoje, em que uma artista inspira a outra. E cita nomes como Dessa Ferreira, Nina Nicolaiewsky, Gabriela Lery, Viridiana, Rita Zart, Paola Kirst, Ana Matiello, Nina Fola, Tamiris Duarte, entre outras. "Elas se encontram, dividem o palco e o estúdio, participam de projetos e incubadoras de ideias. Me parece

que tem uma busca pela coletividade e Clarissa é uma liderança desses modos de fazer", conclui Isabel.

A principal parceira de Clarissa hoje é Ana Matiello. Elas se conheceram na pandemia, através de uma oficina de compositoras, e agora estão preparando um disco em dupla, a ser lançado ainda neste ano. Na vida acadêmica, Ana avalia que a parceira contribuiu para abrir caminhos para uma etnomusicologia feminista local no Sul, "em trazer as pautas que estão ocorrendo na atualidade e também pensar nesta ponte com diversos públicos, em como tornar os movimentos de melhor bem viver, ecológicos, feministas, antirracistas, em prol das relações sociais-musicais."

Na avaliação de Isabel Nogueira, *LaVaca* contém elementos que não estariam na música regional, como as sonoridades eletrônica e erudita. Com isto, lembra que há uma inquietação presente, de se pensar a produção gaúcha mais inserida no Brasil. Neste contexto, a pesquisadora sabe que Clarissa deseja ser ouvida fora daqui e acredita que "seu disco pode ser ouvido como música brasileira".

As obras de Clarissa

LaVaca (Independente, 2024)

Disco de estreia de Clarissa Ferreira, reúne canções que abordam o feminismo, o racismo e a preservação da natureza. Contém diversas parcerias, entre elas um poema musicado de Mario Quintana. Também conta com duetos, ao lado de nomes como a uruguaia Ana Prada, a paulista Rhaissa Bittar e os gaúchos Loma e Vitor Ramil.



Gauchismo Líquido (Editora Coragem, 2022)

Compêndio de ensaios de Clarissa Ferreira traz reflexões contemporâneas sobre a cultura do Rio Grande do Sul. Entre os temas abordados no livro, o hino rio-grandense, a Teiniaguá, o termo "prenda" e a sexualidade no tradicionalismo.



VITÓRIA PROENÇA/DIVULGAÇÃO/JC

DIVULGAÇÃO/JC

EDITORIA CORAGEM/DIVULGAÇÃO/JC